

Escala de Atitudes diante da Delinquência: validade e precisão

Carlos Eduardo Pimentel

Doutor em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília – UnB. Mestre em Psicologia (Psicologia Social), licenciatura e formação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

carlosepimentel@bol.com.br

Thiago Gomes Nascimento

Ph.D. em Management Sciences pela Doctoral School of Economics and Management da University of Aix-Marseille – UAM (França), doutor em Administração e mestre em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, ambos pela Universidade de Brasília – UnB. É especialista em Administração pela Fundação Getúlio Vargas, em Segurança Pública e Cidadania pela UnB e em Ciências Jurídicas pela Universidade Cruzeiro do Sul. Possui graduação em Segurança Pública pelo Instituto Superior de Ciências Policiais – ICSP e em Direito pela Universidade Cidade de São Paulo. É membro de diversos grupos de pesquisa; professor do ISCP e professor adjunto do Curso de Administração do Instituto de Educação Superior de Brasília.

tgn.phd@gmail.com

Giovanna Barroca Moura

Mestre em Cooperación al Desarrollo pela Universidade de Valência (Espanha), mestre em Estudos Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, especialização em Saúde Mental pela Faculdades Integradas de Patos. Possui bacharelado em Pedagogia, além de licenciatura e formação em Psicologia, ambos pela Universidade Federal da Paraíba.

giovannabm@hotmail.com

Anny Edze Maia Clementino

Estudante do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba.

anny_edze_beauty@hotmail.com

Larissa Souza Soares

Estudante do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba.

lara30gba@hotmail.com

Resumo

A delinquência é um problema de grande monta no Brasil. No entanto, não se encontrou neste país nenhuma pesquisa que apresentasse uma escala válida de atitudes diante da delinquência. O objetivo foi apresentar evidências de validade e precisão da Escala de Atitudes diante da Delinquência (EAD). Para tanto, contou-se com uma amostra de 215 estudantes do ensino médio com média de idade de 16 anos ($DP = 1,29$). Realizou-se uma análise dos componentes principais e verificou-se uma estrutura bi-fatorial, pelo critério de Kaiser e de Cattell. Entretanto, a análise paralela indicou uma estrutura unifatorial que se mostrou melhor interpretável. Verificou-se um coeficiente de precisão elevado ($\alpha = 0,89$) e boa consistência interna inter-itens ($r = 0,43$). Não se verificou diferenças por sexo e se verificou uma correlação positiva com a idade. Estes resultados atestam a validade e precisão da EAD, podendo ser utilizada em pesquisas futuras.

Palavras-Chave

Escala de Atitudes diante da Delinquência. Validade. Precisão.

Desde o século XIX, a questão da violência e da juventude permeia o interesse de cientistas sociais, formuladores de políticas públicas, educadores e profissionais da área de segurança pública (PIMENTA, 2014). A esse respeito, Laranjeira (2007) observa que no centro dos debates das sociedades contemporâneas está a questão da delinquência, em especial a juvenil, que se insere num quadro de instabilidade, imprevisibilidade e incerteza do mundo atual (LARANJEIRA, 2007). Neste contexto, ressalta o autor, torna-se pouco provável dissociar a delinquência e a sensação de vulnerabilidade das sociedades de um conjunto de riscos e ameaças que ampliam a sensação de insegurança da população.

Mesmo não sendo um assunto novo, o tema delinquência emerge quando da divulgação de indicadores sociais de violência e criminalidade por parte da imprensa e da sociedade (PIMENTA, 2014). As transgressões cometidas por jovens constituem um problema social grave, com elevada tendência de aumento, não só de frequência como também de intensidade (STEINBERG, 2000). A investigação realizada por Barnow, Lucht e Freyberger (2001), no contexto alemão, indica que crimes contra o patrimônio representam 68,6% dos atos infracionais cometidos pelos adolescentes, ao passo que 15,0% referem-se

a tráfico de drogas e 1,3%, a crimes contra a vida e a pessoa. No contexto brasileiro, uma pesquisa realizada pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos verificou que, entre os anos de 2010 e 2011, houve aumento de 10,69% no número de adolescentes em restrição e privação de liberdade (de 17.703 para 19.595), sendo o aumento em internação de 10,97% (de 12.041 para 13.362); em internação provisória de 9,68% (de 3.934 para 4.315); e em semiliberdade de 11,00% (de 1.728 para 1.918) (BRASIL, 2012).

O protagonismo de jovens em eventos que geram grande impacto, como o cometimento de latrocínios, brigas entre gangues, rebeliões nos centros de acolhimento juvenil, de acordo com Pimenta (2014), provocam ansiedade social, não só pela gravidade dos eventos, mas pela representação compartilhada sobre a juventude como fase da vida. Nesse sentido, o comportamento antissocial restrito à adolescência pode ser estimado de forma estatística como normativo e interpretado como tentativa de expressar autonomia, como observam Aguilar et al. (2000) e Smith, Ireland e Thornberry (2005).

Duas são as vertentes dos estudos sobre jovens e violência, de acordo com Pimenta (2014), a primeira vertente, objeto deste artigo, investiga o jovem como perpetrador de

atos violentos e/ou delituosos, vistos pela ótica de um problema social, associados a condutas desviantes e a perturbações da ordem pública. A segunda vertente trata dos estudos sob a ótica do risco, isto é, da dependência de drogas, gravidez precoce, inserção adiantada na vida adulta, entre outros.

A delinquência juvenil, como observa Laranjeira (2007), tem sido analisada como um transtorno psicossocial, do desenvolvimento, que necessita ser compreendida pela sua complexidade, tendo em vista que sua manifestação ocorre a partir de variáveis biológicas, comportamentais e cognitivas da pessoa; e contextuais, como características familiares, sociais e experiências de vida de caráter negativo (RUTTER, 2000; SCARAMELLA et al., 2002). Disso resulta que a abrangência dos conceitos de vulnerabilidade e de fatores de risco é essencial para se determinarem as numerosas variáveis presentes na etiologia deste comportamento (MCKNIGHT; LOPER, 2002). No primeiro plano, há dúvidas acerca da fiabilidade destas informações, diversas vezes especuladas pela mídia e dotadas de pouco rigor científico (LARANJEIRA, 2007). Em virtude das complexas consequências sociais, a delinquência juvenil é alvo de estudos e investigações que se estendem pelos diversos campos das ciências sociais e humanas, como a psicologia, a sociologia e o direito (STEINBERG, 2000).

Assim sendo, as escalas de atitudes têm importância crucial para o desenvolvimento de estudos na psicologia social (PIMENTEL; TORRES; GUNTHER, 2011), sobretudo os que investigam atitudes e comportamentos antissociais e delitivos, contribuindo com as de-

mais ciências sociais para o entendimento do fenômeno da violência e da juventude. Pode-se inclusive prever a delinquência focando-se no conhecimento das atitudes diante da delinquência (ROTHWELL; HAWDON, 2008).

As atitudes são centrais ainda em teorias da psicologia social relevantes, como a teoria do equilíbrio, da dissonância cognitiva, do comportamento racional e do comportamento planejado (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2012). Além disso, pelo conhecimento que se tem das atitudes é possível prever o comportamento humano (BODUR; BRINBERG; COUPEY, 2000; GLASMAN; ALBARRACÍN, 2006; HOLLAND; VERPLANKEN; VAN KNIPPENBERG, 2002). Portanto, faz-se necessário estudar este problema cada vez mais premente, com o fim de prevêê-lo mais precocemente, intervir e controlar sua ocorrência.

ATITUDES DIANTE DA DELINQUÊNCIA

As atitudes positivas diante da delinquência são consideradas um fator de risco para o comportamento delincente (SIMÕES; MATOS; BATISTA-FOGUET, 2008), no entanto, não foi encontrado estudo no contexto brasileiro que tenha objetivado validar uma medida de atitudes dessa natureza. Nesse sentido, realizaram-se buscas no Scielo e no PePSIC com a expressão “escala de atitudes diante da delinquência” e não se localizaram resultados válidos. Adicionalmente, pesquisou-se na base de dados PsycINFO a expressão “*attitudes toward delinquency scale*” e nenhum resultado foi localizado. Estes resultados apontam a escassez de pesquisas que visaram mensurar as atitudes diante da delinquência.

No contexto internacional, foi encontrada uma medida a respeito. O objetivo principal deste breve artigo é apresentar evidências de validade e precisão para a *Attitude toward delinquency—Pittsburgh Youth Study*, traduzida como ‘Escala de Atitudes diante da Delinquência’ (EAD). Esta medida está disponível no compêndio de medidas de atitudes e comportamentos antissociais de Dahlberg et al. (2005) e foi desenvolvida por Loeber et al. (1998). Mesmo não tendo sido encontrados estudos psicométricos sobre a EAD, esta parece uma medida adequada para validação no presente contexto brasileiro. Dahlberg et al. (2005) referem índice de precisão elevado para esta medida unifatorial ($\alpha = 0,91$), o que estimulou o seu processo de validação no presente estudo. Ademais, Loeber et al. (1998), mesmo não apresentando detalhes das propriedades psicométricas desta medida (como percentual de variância explicada do único fator), exibiram índices de consistência interna (alfa de Cronbach) variando de 0,82 a 0,87. Portanto, trata-se de uma medida de fácil entendimento, formada por poucos itens, claramente relacionados à delinquência, e que demonstrou boa precisão. Parte-se da hipótese de que a EAD vai apresentar uma estrutura unifatorial e boa consistência interna.

O *Pittsburgh Youth Study* (‘estudo da juventude de Pittsburgh’ – PYS) é uma investigação longitudinal acerca das causas da delinquência em uma amostra de alto risco de adolescentes moradores do centro da cidade, que foram acompanhados desde a infância à idade adulta (PARDINI et al., 2012). De acordo com esses autores, diversas análises têm empregado o conjunto de dados do PYS

com o objetivo de identificar os principais fatores de risco que contribuem para a predição de violências mais graves (assalto, estupro, roubo) e homicídio em homens. Os resultados identificaram 50 fatores de risco que abrangem domínios individuais, familiares, colegas, escola e vizinhança e que foram associados com o início da violência grave em meninos. Para controlar a sobreposição dos fatores de risco, análises de regressão foram realizadas, e estas indicaram que 11 fatores prediziam de maneira independente o início da violência grave: condições socioeconômicas baixas, famílias que recebem assistência pública¹, vizinhança perigosa, evasão escolar, baixa motivação escolar, alto estresse parental, início da delinquência antes de 10 anos de idade, crueldade para com as pessoas, humor deprimido, pequenas agressões seguidas de luta física e comportamento insensível / sem emoção. Entre os adolescentes do sexo masculino com quatro ou mais desses fatores de risco, 60,8% apresentaram comportamento violento mais tarde na vida, enquanto apenas 20,4% dos rapazes com menos de quatro desses fatores de risco envolveram-se em comportamento violentos subsequente (PARDINI et al., 2012).

Além das variáveis investigadas no PYS, para o entendimento da delinquência consideram-se ainda variáveis sociodemográficas, especificamente tem-se verificado que o sexo e a idade são preditores (ZEMAN; BRESSAN, 2008) e que os rapazes apresentam mais comportamento delinquente do que as moças (FITZGERALD, 2003; HERRENKOHL et al., 2000; PIMENTEL; GOUVEIA; VASCONCELOS, 2005; VASCONCELOS, 2004). Além disso, de

acordo com Vasconcelos (2004), espera-se que com o passar da idade, os fatores de risco para a delinquência diminuam, reduzindo assim a probabilidade de comportamento delinquente (MOFFITT, 1993)². Esta autora verificou que pessoas mais velhas (21 a 26 anos) apresentaram menos comportamento delinquente do que aquelas com idade entre 16 e 20 anos (VASCONCELOS, 2004). A adolescência tem sido destacada como um fator de risco, principalmente as idades compreendidas entre 15 e 17 anos (HURRELMANN; ENGEL, 1992).

No âmbito das atitudes desviantes (em relação ao uso da maconha), verificou-se no presente contexto que os adolescentes mais novos (menores de 16 anos) apresentaram atitudes mais negativas do que aqueles mais velhos, assim como as mulheres em comparação com os homens (GOUVEIA et al., 2005). Desse modo, objetivou-se verificar também a relação dessas duas variáveis, sexo e idade, com a EAD, partindo da hipótese de haver mais atitudes positivas diante da delinquência nos participantes do sexo masculino e uma correlação negativa com a idade.

MÉTODOS

Instrumento

A Escala de Atitudes diante da Delinquência (EAD) corresponde a uma medida composta por 11 itens para aferir a aceitação de se engajar em comportamentos de delinquência (LOEBER et al., 1998) e traz as seguintes instruções: “Esses itens medem opiniões em relação a se envolver em diversos comportamentos. Por favor, responda de modo sincero a todas as questões desta pesquisa. Este não é um teste de conhecimento. Portanto, não existem

respostas certas ou erradas. Para responder às questões abaixo, de 1 a 11, use a escala de resposta que vai de 3 = Muito errado a 0 = Nada errado”. Para responder aos itens, inicialmente o participante lê a seguinte frase: “Quão errado você acha que é para alguém da sua idade...” para em seguida informar, por exemplo, “Danificar ou destruir de propósito propriedade que não lhe pertence?”.

A versão em português foi obtida por meio da tradução de dois pesquisadores bilíngues e estudiosos da temática da delinquência pelo processo de tradução reversa (back translation procedure). Esta versão foi testada no que diz respeito a sua clareza e elegância com dez alunos do ensino médio, atestando sua validade semântica. Para calcular as atitudes diante da delinquência, a escala de resposta deve ser invertida, implicando que quanto maior a escala, mais atitudes favoráveis à delinquência.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) precedia o instrumento e continha todas as informações concernentes aos aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, além de endereço eletrônico e telefone dos pesquisadores. O TCLE foi lido e assinado por todos os participantes do estudo. Um questionário sociodemográfico acompanhava o instrumento, com o fim de obter informações para caracterização da amostra, como sexo, idade ou estado civil.

Procedimento

Realizou-se um procedimento padrão para coleta de dados. Duas alunas, previamente treinadas, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira,

aplicaram os questionários em escolas públicas e privadas de acordo com as diretrizes para pesquisa com seres humanos, com risco mínimo, direito ao sigilo e consentimento informado (APA, 2002). Foi obtido consentimento prévio e informado da direção das escolas para a realização da pesquisa e a coleta de dados foi previamente agendada com os diretores e professores. A aplicação dos questionários durava em média 15 minutos. Ao final da coleta, os agradecimentos de praxe eram transmitidos.

Análise dos dados

Foram realizadas análises descritivas e inferenciais por meio do *Predictive Analytics Software* (PASW) versão 18. Especificamente, computaram-se médias, desvios-padrão, percentuais, análise dos componentes principais, alfa de Cronbach, análise paralela, correlação entre os itens, correlação de Pearson, análise de regressão simples e teste t de Student.

RESULTADOS

Participaram desta pesquisa 215 estudantes do município de Guarabira (PB). Estes tinham média de idade de 16 anos (DP = 1,29), majoritariamente de 13 a 19 anos (98,6%), sendo a maioria do sexo feminino (53,5%), solteira (85,1%), do segundo ano do ensino médio (42,8%), da escola pública (52,6%), moderadamente religiosa (29%) e a maioria se afirmou de classe média (50,2%).

Para a análise dos questionários, inicialmente verificou-se se era adequado realizar uma análise dos componentes principais (CPA) com o conjunto de dados da escala em questão. Verificaram-se índice de KMO = 0,855 e Teste de Esfericidade de Barlett, $\chi^2(55)$

= 1374,228, $p < 0,001$. Neste sentido, seguiu-se à interpretação da CPA. Realizou-se a análise sem fixar rotação ou o número de fatores a se extrair, uma vez que se esperava uma estrutura unifatorial de atitudes. No entanto, verificou-se uma estrutura bifatorial, explicando conjuntamente 61,24% da variância, os *eigenvalues* para o primeiro e segundo fatores foram de 5,60 e 1,13, respectivamente. O *scree plot* sugere quase dois fatores para a EAD.

Com objetivo de iluminar a estrutura fatorial da EAD, realizou-se uma Análise Paralela (PA) para se decidir sobre o número de fatores, como tem sido recomendado na literatura especializada. De acordo com a PA com 1.000 simulações e 95% de confiança, o segundo *eigenvalue* gerado aleatoriamente (1,28) é maior do que aquele gerado empiricamente (1,13). Portanto, apoia-se a estrutura unifatorial da EAD.

Assim, decidiu-se realizar uma nova CPA, sem rotação, fixando-se agora em um fator a se extrair. Este único fator apresentou *eigenvalue* igual a 5,60, explicando 50,93% da variância. As cargas fatoriais variaram de 0,30 a 0,89, como pode se observar na Tabela 1. Desse modo, apoia-se a validade da estrutura unifatorial das atitudes diante da delinquência.

Para se verificar a precisão da EAD, realizou-se a análise do Alfa de Cronbach. Neste caso, observou-se um valor bastante satisfatório ($\alpha = 0,89$). Além disso, verificou-se que nenhum item ao ser excluído aumentaria o alfa deste único fator. A correlação média entre os itens foi de 0,43, que pode ser considerada satisfatória.

Tabela 1 - Estrutura fatorial da EAD

Quão errado você acha que é para alguém da sua idade...		
Itens	Fator	h ²
5. Roubar algo que vale 50 R\$?	0,89	0,79
6. Roubar algo que vale 100 R\$?	0,88	0,78
7. Entrar ou tentar entrar num prédio para roubar alguma coisa?	0,83	0,69
11. Usar uma arma ou a força para obter dinheiro ou outras coisas das pessoas?	0,81	0,65
4. Roubar algo que vale 5 R\$?	0,79	0,63
3. Danificar ou destruir de propósito propriedade que não lhe pertence?	0,75	0,56
8. Pegar um carro ou uma moto sem a permissão do proprietário?	0,70	0,50
10. Atacar alguém com uma arma com a ideia de ferir seriamente essa pessoa?	0,68	0,46
2. Mentir, desobedecer ou questionar adultos, pais, professores ou outros?	0,48	0,23
9. Bater em alguém com a ideia de ferir essa pessoa?	0,46	0,21
1. Faltar a escola sem uma justificativa?	0,30	0,09
Número de itens	11	
Eigenvalue	5,60	
% Variância	50,93	
Alfa de Cronbach	0,89	

Fonte: Elaboração própria.

EAD, SEXO E IDADE

Posteriormente à análise psicométrica, buscou-se verificar se as atitudes diante da delinquência seriam diferenciadas em função do sexo do participante e se estabeleceriam correlação com a idade. Foram calculadas estatísticas descritivas e inferenciais. Verificou-se que os alunos do sexo

masculino e feminino não se diferenciaram nas suas atitudes diante da delinquência, mesmo com os rapazes apresentando uma pontuação mais alta ($M = 2,40$, $DP = 0,45$) do que as moças ($M = 2,35$, $DP = 0,46$), mas esta diferença não foi estatisticamente significativa [$t(200)=0,787$, $p = 0,432$]. Contudo, verificou-se correlação positiva

entre atitudes diante da delinquência e idade ($r = 0,17$, $p < 0,02$), bem como se verificou que a idade prediz estas atitudes ($\beta = 0,17$, $t = 2,419$, $p < 0,02$) explicando cerca de 3% da variância ($R = 0,17$, $R^2 = 0,03$, $F(1,200) = 5,853$, $p < 0,02$).

DISCUSSÃO

Verificou-se a validade da estrutura unifatorial para os 11 itens da EAD, todos com cargas fatoriais \geq do que 0,30, que atendem ao recomendado para interpretar a estrutura (HAIR et al., 2009). O critério de Kaiser (eigenvalue ≥ 1) indicou uma solução bifatorial, o que foi sutilmente amparado pelo critério de Cattell. Apesar disso, a PA indicou uma solução unifatorial, sendo crucial para a retenção do número de fatores, pois este método tem sido fortemente recomendado na literatura especializada por sua robustez (HAYTON; ALLEN; SCARPELLO, 2004; O'CONNOR, 2000). Ademais, a estrutura unifatorial apresenta clareza conceitual, podendo-se designar este fator como atitudes diante da delinquência.

A precisão da escala foi verificada pelo Alfa de Cronbach, pois esta constitui a técnica mais comum e prática de checagem deste parâmetro (OVIEDO; CAMPO-ÁRIAS, 2005). De acordo com o encontrado no presente estudo ($\alpha = 0,89$), pode-se concluir que a escala é muito precisa (HAIR et al., 2009; NUNNALLY, 1970; PASQUALI, 2003), com um índice superior a 0,70, o que corrobora o estudo original da escala (LOEBER et al., 1998; ver também DAHLBERG et al., 2005). Verificou-se também uma boa correlação média entre os itens (0,43), dentro do intervalo sugerido de 0,15 a 0,50, indicando consistência interna (CLARK; WATSON, 1995).

Verificaram-se ainda relações da EAD com a idade. Observou-se uma relação positiva entre a idade e as atitudes diante da delinquência, contrariando pesquisas prévias (HURRELMANN; ENGEL, 1992; MOFFITT, 1993; SANTOS, 2008; VASCONCELOS, 2004). Para autores como Laranjeira (2007), a relação entre adolescência e infração pode ser ponderada como impreterível, sendo a infração necessária para o progresso, para o incremento e para o processo de obtenção de novas formas de socialização. O intuito da transgressão, por conta disso, relaciona-se às estratégias que objetivam a procura de solução de um conflito, no sentido da adaptação. O que pode explicar os resultados de Blumester e Cohen (apud CAPALDI; STOOLMILLER, 1999), que relataram existir uma diminuição da atividade delinquente quando do início da idade adulta, atingindo o ápice de comportamentos antissociais e delitivos entre 15 e 17 anos. Nesse sentido, pode-se afirmar que ocorre uma maturação nas atitudes diante da delinquência.

Não se verificaram, porém, diferenças estatisticamente significativas destas atitudes segundo o sexo do participante, mesmo se esperando mais atitudes positivas por parte dos homens (FITZGERALD, 2003; HERRENKOHL et al., 2000; PIMENTEL et al., 2005; VASCONCELOS, 2004).

Diante das evidências de validade e precisão para a EAD, considera-se que essa medida pode ser utilizada para se conhecerem as atitudes diante da delinquência no presente contexto. No entanto, é importante que novos estudos confirmem a estrutura fatorial da medida

assim como sua precisão. Sugerem-se estudos de validade concorrente também, verificando, por exemplo, em que medida a EAD se relaciona com comportamentos delinquentes e o

quanto pode predizer tais comportamentos. Adicionalmente, seria interessante verificar se a EAD consegue diferenciar grupos de jovens delinquentes e não delinquentes.

-
1. *Entendido como qualquer benefício fornecido pelo Estado para a geração de bem-estar social.*
 2. *Para uma revisão, ver Santos (2008).*

Referências bibliográficas

- AGUILAR, B. et al. Distinguishing the early-onset/persistent and adolescence-onset antisocial behaviour types: From birth to 16 years. **Development and Psychopathology**, v. 12, p. 109-132, 2000.
- APA. AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Ethical principles of psychologists and Code of Conduct**. *American Psychologists*, v. 57, n. 12, p. 1060-1073, 2002.
- BARNOW, S.; LUCHT, M.; FREYBERGER, H. **Influence of punishment, emotional rejection, child abuse and broken home on aggression in adolescence: An examination of aggressive adolescents in Germany**. *International Journal of Descriptive and Experimental Psychopathology, Phenomenology and Clinical Diagnostic*, v. 34, 167-173, 2001.
- BODUR, H. O.; BRINBERG, D.; COUPEY, E. **Belief, affect, and attitude: Alternative models of the determinants of attitude**. *Journal of Consumer Psychology*, v. 9, n. 1, p. 17-28, 2000.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. **Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em Conflito com a Lei. 2012**. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-e-adolescentes/pdf/SinaseLevantamento2011.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2015
- CAPALDI, D.; STOOLMILLER, M. **Co-occurrence of conduct problems and depressive symptoms in early adolescent boys: III - Prediction to young-adult adjustment**. *Development and Psychopathology*, v. 11, p. 59-84, 1999.
- CLARK, A. C.; WATSON, D. **Constructing validity: basic issues in objective scale development**. *Psychological Assessment*, v. 7, p. 309-319, 1995.
- DAHLBERG, L. L. et al. **Measuring violence-related attitudes, behaviors, and influences among youths: A compendium of assessment tools**. *Atlanta: Centers for Disease Control and Prevention, National Center for Injury Prevention and Control*, 2005.
- FITZGERALD, R. **An examination of sex differences in delinquency**. *Crime and Justice research paper series*. Ontario: Minister of Industry, 2003.
- GLASMAN, L. R.; ALBARRACÍN, D. **Forming attitudes that predict future behavior: a meta-analysis of the attitude-behavior relation**. *Psychological Bulletin*, v. 13, n. 5, p. 778-822, 2006.
- GOUVEIA, V. V. et al. **Escala de atitudes frente ao uso de maconha: Comprovação da sua validade de construto**. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 54, n. 1, p. 5-12.
- HAIR, J. F. et al. **Análise multivariada de dados**. Porto Alegre: ArtMed, 2009.
- HAYTON, J. C.; ALLEN, D. G.; SCARPELLO, V. **Factor retention decisions in exploratory factor analysis: Attutorial on parallel analysis**. *Organizational Research Methods*, v. 7, p. 191-205, 2004.
- HERRENKOHL, T. I. et al. **Developmental risk factors for youth violence**. *Journal of Adolescent Health*, v. 26, p. 176-186, 2000.
- HOLLAND, R. W.; VERPLANKEN, B.; VAN KNIPPENBERG, A. **On the nature of attitude-behavior relations: The strong guide, the weak follow**. *European Journal of Social Psychology*, v. 32, p. 869-872, 2002.
- HURRELMANN, K.; ENGEL, U. **Delinquency as a symptom of adolescent's orientation toward status and success**. *Journal of Youth and Adolescence*, v. 21, p. 119-138, 1992.
- LARANJEIRA, C. A. **A análise psicossocial do jovem delinquente: uma revisão da literatura**. *Psicologia em Estudo*, v. 12, n. 2, p. 221-227, 2007.
- LOEBER, R. et al. **Antisocial Behavior and Mental Health Problems: Explanatory Factors in Childhood and Adolescence**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1998.

MCKNIGHT, L.; LOPER, A. **The effect of risk and resilience factors on the prediction of delinquency in adolescent girls.** *School Psychology International*, v. 23, p. 186-198, 2002.

MOFFITT, T. E. **Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: A developmental taxonomy.** *Psychological Review*, v. 100, p. 674-701, 1993.

NUNNALLY, J. C. **Introduction to psychological measurement.** Tokyo: McGraw-Hill, 1970.

O'CONNOR, B. P. **SPSS and SAS programs for determining the number of components using parallel analysis and Velicer's MAP test.** *Behavior Research Methods, Instruments, and Computers*, v. 32, p. 396-402, 2000.

OVIEDO, H. C.; CAMPO-ÁRIAS, A. **Aproximación al uso del coeficiente alfa de Cronbach.** *Revista Colombiana de Psiquiatría*, v. 34, n. 4, p. 527-580, 2005.

PARDINI, D. A. et al. **Identifying direct protective factors for nonviolence.** *American Journal of Preventive Medicine*, v. 43, n. 2, p. 28-40, 2012.

PASQUALI, L. **Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação.** Petrópolis: Vozes, 2003.

PIMENTA, M. M. **Juventude e violência.** In: LIMA, R. S.; RATTON, J. L.; Azevedo, R. G. (Org.). *Crime, Polícia e Justiça no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2014.

PIMENTEL, C. E.; TORRES, C. V.; GUNTHER, H. **Estratégias de mensuração de atitudes em psicologia social.** In: TORRES, C.V.; NEIVA, E. R. (Ed.). *Psicologia social: principais temas e vertentes.* Porto Alegre: ArtMed, 2011.

PIMENTEL, C. E.; GOUVEIA, V. V.; VASCONCELOS, T. C. **Preferência musical, atitudes e comportamentos antissociais entre estudantes adolescentes: um estudo correlacional.** *Estudos de Psicologia*, v. 22, n. 4, p. 403-413, 2005.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E.M.L.; JABLONSKI, B. **Psicologia social.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

ROTHWELL, V.; HAWDON, J. **Science, individualism and attitudes towards deviance: The influence of modernization and rationalization.** *Deviant Behavior*, v. 29, p. 253-274, 2008.

RUTTER, M. **Psychosocial influences: Critiques, findings and research needs.** *Development and Psychopathology*, v. 12, p. 375-405, 2000.

SANTOS, W. S. **Explicando comportamentos socialmente desviantes: Uma análise do compromisso convencional e afiliação social.** Tese (Doutorado em Psicologia) – Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

SCARAMELLA, L. et al. **Evaluation of a social contextual model of delinquency: A cross-study replication.** *Child Development*, v. 73, p. 175-195, 2002.

SIMÕES, C.; MATOS, M. G.; BATISTA-FOGUET, J. **Juvenile delinquency: Analysis of risk and protective factors using quantitative and qualitative methods.** *Cognition, Brain & Behavior*, v. 12, n. 4, p. 389-408, 2008.

SMITH, C. A.; IRELAND, T. O.; THORNBERRY, T. P. **Adolescent maltreatment and its impact on young adult antisocial behaviour.** *Child Abuse Neglect*, v. 29, n. 10, p. 1099-1119, 2005.

STEINBERG, L. **The family at adolescence: Transition and transformation.** *Journal of Adolescent Health*, v. 27, p. 170-178, 2000.

VASCONCELOS, T. C. **Personalidade, valores e condutas anti-sociais de jovens.** Dissertação (Mestrado em Psicologia)– Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2004.

ZEMAN, K.; BRESSAN, A. **Factors associated with youth delinquency and victimization in Toronto, 2006.** Ontario: Minister of Industry, 2008.

Escala de Atitudes diante da Delinquência: validade e precisão

Carlos Eduardo Pimentel, Thiago Gomes Nascimento, Giovanna Barroca Moura, Anny Edze Maia Clementino e Larissa Souza Soares

Resumen

Escala de Actitudes ante la Delincuencia: validez y precisión

La delincuencia es un problema de gran relevancia en Brasil. No obstante, no se encontró en este país ninguna investigación que presentase una escala válida de actitudes frente a la delincuencia. El objetivo fue presentar pruebas de validez y precisión de la Escala de Actitudes ante la Delincuencia (EAD). Para ello, se contó con una muestra de 215 estudiantes de enseñanza secundaria con una media de edad de 16 años ($DP = 1,29$). Se realizó un análisis de los componentes principales y se verificó una estructura bifactorial, por el criterio de Kaiser y de Cattell. Sin embargo, el análisis paralelo indicó una estructura unifactorial que se mostró mejor interpretable. Se confirmó un coeficiente de precisión elevado ($\alpha = 0,89$) y una buena consistencia interna inter-itens ($r = 0,43$). No se verificaron diferencias por sexo y sí una correlación positiva con la edad. Estos resultados atestan la validez y precisión de la EAD, lo que viabiliza su utilización en investigaciones futuras.

Palabras clave: Escala de Actitudes ante a la Delincuencia. Validez. Precisión.

Abstract

An Attitude Scale on Criminal Activity: validity and accuracy

Criminal activity is an extremely serious problem in Brazil. However, no Brazilian study has been found to present a valid attitude scale on crime. The aim of this study was to present evidence of a valid and accurate Attitude Scale on Crime, or EAD in its Portuguese acronym. To this end, a sample comprising 215 high school students averaging 16 years old ($SD = 1.29$) was used. An analysis of the major components was made and a two-factor structure was found, according to Kaiser's and Cattell's criteria. Parallel analysis, on the other hand, revealed a one-factor structure that proved easier to interpret. The coefficient of accuracy was high ($\alpha = 0.89$) and internal consistency between items was good ($r = 0.43$). No gender differences were detected, and a positive correlation with age was found. These results prove the EAD's validity and accuracy. Therefore, the scale can be used for new research.

Keywords: Attitude Scale on Criminal Activity. Validity. Accuracy.

Data de recebimento: 06/12/2014

Data de aprovação: 12/01/2015